

# Lopes sempre foi candidato ao BC

Brasília – Carlos Eduardo

Francisco Lopes, 52 anos, sempre foi candidato à presidência do Banco Central, desde o início do primeiro mandato do presidente Fernando Henrique. Tanto que na época foi criada uma diretoria especialmente para ele – a de Pesquisas Econômicas. Seu nome voltou a ser citado para o cargo quando Gustavo Franco assumiu o BC. O governo chegou a hesitar entre os dois candidatos, mas optou por Franco para mostrar ao mundo, no início da crise asiática, que a política cambial não mudaria.

Os dois sempre foram apontados como os principais formuladores da política econômica, um pouco mais afinados no início do governo. Lopes assumiu a diretoria de Política Monetária do BC em março de 1996 e passou a comandar as decisões sobre as taxas de juros e a dívida pública.

Filho do ex-ministro da Fazenda e ex-presidente do BNDES, Lucas Lopes, Chico Lopes queria estudar engenharia química, mas acabou se tornando economista, especialista em hiperinflação.

Ficou conhecido depois que a Argentina passou a adotar o austral como a nova moeda e de lá chegaram informações de que os economistas argentinos haviam se inspirado nas idéias de um brasileiro para preparar o



Chico Lopes é apontado como pai do cruzado, do austral e do real

choque heterodoxo.

Em 1986, foi um dos pais do Plano Cruzado, com Pêrsio Arida, André Lara Resende, Edmar Bacha e Luís Gonzaga Belluzo. Decidiu abandonar o grupo depois da famosa reunião da cúpula da equipe econômica em Carajás, que deveria detalhar correções de rumo do Cruzado, mas acabou afastando qualquer possibilidade de mudanças devido à proximidade das eleições.

Hoje, o atual presidente do Banco Central faz *mea culpa* e diz que o fracasso do Cruzado não pode ser creditado apenas aos políticos, mas também aos erros de concepção do próprio plano. Um dos maiores erros foi o gatilho salarial, garante. E avisa: “Se o Real tivesse um gatilho, já teria fracassado”. O parentesco entre os dois planos são evidentes, mas Lopes costuma dizer que a vantagem agora é conhecer os erros do passado.

Otimista, é sempre o primeiro a condenar o “catastrofismo” com que muitos economistas costumam orientar suas previsões no Brasil e no exterior. E é taxativo ao afirmar que “ninguém pode esperar que a estabilização seja um piquenique. Ela é muito parecida com uma prova de resistência, um teste de enduro, e só estará consolidada daqui a algum tempo”.